

A CIÊNCIA DOS ASTROS: O ESPELHO DA SABEDORIA NOS CONTOS DAS MIL E UMA NOITES

Ana Margarida Chora

<https://orcid.org/0000-0003-1049-4748>

IELT (NOVA-FCSH)

Resumo: Os contos das *Mil e Uma Noites* são o reflexo de uma antiga cultura que privilegiava o conhecimento científico, sobretudo de origem árabe, assim como do movimento orientalista que teve o seu auge no final do século XIX, época em que foi publicada a tradução de Joseph-Charles Mardrus (a qual nos serve de base).

A Astrologia, não muito distinta da Astronomia, surge em muitas narrativas associada aos seus protagonistas, astrónomos e astrólogos, que exercem diversas funções nos textos, principalmente a mediadora, enquanto leitores de uma realidade vedada aos comuns, quer interpretando os fenómenos através de exercícios divinatórios, quer assumindo a função de conselheiros em várias situações. A chamada “ciência dos astros” é apanágio dos sábios e iniciados, envolta numa simbologia ligada à vida, ao conhecimento e ao destino.

Palavras-chave: *Mil e Uma Noites*; Astrologia; Personagem; Mediação; Narrativa.

Abstract: The tales of the *Arabian Nights* are the reflection of an ancient culture that privileged scientific knowledge, mainly of Arab origin, as well as the orientalist movement that had its apogee in the late 19th century, when Joseph-Charles Mardrus released his translation of the tales.

Astrology, not much different from Astronomy, appears in many narratives associated to its protagonists, astronomers and astrologers, who perform several functions in the texts, especially the mediation, as readers of a reality unreachable to ordinary people, either interpreting the phenomena through divinatory exercises, or assuming a counseling function in various situations. The “science of the planets” is a privilege of the wise and initiated, shrouded in a symbology linked to life, knowledge and destiny.

Keywords: *Arabian Nights*; Astrology; Character; Mediation; Narrative.

Os contos das *Mil e Uma Noites*, trazidos para o Ocidente no século das luzes por Antoine Galland¹, época ávida de saber e de catalogação do mesmo, são um raro manancial de referências científicas, ou pseudo-científicas, se nos quisermos debruçar sobre as preocupações disciplinares a que se dedicaram os pensadores desse tempo. Tomámos, no entanto, como referência a edição de Joseph-Charles Mardrus², publicada entre 1899 e 1904, a mais completa³ e representativa do imaginário do Orientalismo⁴,

¹ Antoine Galland (1646-1715).

² Joseph-Charles Mardrus (1868-1949).

³ Não só porque a edição de Galland só contém cerca de um quarto das histórias, mas também por ser a que oferece uma tradução direta da língua árabe, com todo o carácter hiperbólico e imagético que a caracteriza.

⁴ Cf. SAID, Edward W., *Orientalism*, London: Penguin, 2003.

segundo a definição de Edward Said, no auge da sua expressão que foi a *Belle Époque*.

A compilação reporta ao período técnica e cientificamente avançado que floresceu durante o Califado Abássida (Terceiro Califado islâmico), por isso chamado “Idade de Ouro” islâmica, correspondente ao século VIII e início do IX da era cristã, altura da construção dos observatórios astronômicos em Damasco e Bagdad (em 829), do desenvolvimento da Astronomia e do Tratado de al-Fārghani⁵ (Alfraganus), do século IX e traduzido em Latim no século XII, célebre até ao Renascimento, do *Tratado de Astrologia* de Jafar Abū Ma'ṣhar⁶ (Albumasar) e das tábuas de al-Battānī⁷ (Albategnius). E, a partir daí, toda uma tradição astronômica se desenvolveu⁸.

Esta é a época das histórias, a do reinado de Harun al-Rashid (de 786 a 809), ele mesmo protagonista de muitas delas. Mas a

⁵ Morreu depois de 861.

⁶ Jafar Abū Ma'ṣhar (787-886).

⁷ Falecido em 928.

⁸ As *Mil e Uma Noites* são contemporâneas de *El Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas*, de Ali ben Ragel (ou Abu al-Shabani), astrólogo da corte tunisina que viveu entre o final do século X e o início do século XI. Aliás, a fonte persa principal das *Mil e Uma Noites*, *Hezār Afsān* (“Mil Histórias”), referida a partir do século X por Ibn al-Nadīm (compilador do *Kitāb al-Fihrist* – “O Catálogo”) e Al-Mas'udi (c. 896-956 – Bagdad-Cairo), que fala da obra traduzindo o título para *Alf Khurafa* (“Mil Histórias de Entretenimento”), surge pouco antes de Ibn Ali Ben Ragel que, segundo alguns, recebeu educação em Bagdad. Outros nomes importantes são Al Biruni (973-1050), sábio persa contemporâneo das *Mil e Uma Noites*, Abraham Ibn Ezra (sábio e rabino espanhol, século XI-XII), Ibn al-A'lam – (astrólogo árabe do século X, Bagdad), e Ibn al-Kattani (Córdova, século X-XI).

da edição e recepção no Ocidente é bastante mais recente. E o interesse popular pelas ciências dos astros também. O advento das *Mil e Uma Noites* no Ocidente surge apenas a partir do Iluminismo do século XVIII, cujo pendur academista modelou a visão ocidental do Oriente. Nesta época, a Astrologia é considerada uma superstição. É preciso esperar pela *Belle Époque*, altura da edição de Joseph-Charles Mardrus, para que os astros passem a integrar a cultura popular, facto sustentado por alguns escritos literários, como *De la Terre à la Lune* de Jules Verne, e científicos, como *La Pluralité des Mondes Habités* do astrónomo Camille Flammarion⁹, de 1862, ou, mais tarde, *The Art of Synthesis* do astrólogo Alan Leo¹⁰, de 1912. Proliferaram as *cartes postales* com imagens que ostentavam a observação de planetas, e estes passaram ao cinema com *Le Voyage dans la Lune* de Georges Méliès (1902) e à música, de que, posteriormente, entre 1914 e 1916, *The Planets* de Gustav Holst vem a ser o melhor exemplo.

Por isso, aquando da edição de Mardrus¹¹, uma época em que a Europa via o Oriente com um olhar simultaneamente curioso e descritivo, o interesse pelos astros vem colocar-se num plano situado entre o fascínio orientalista e o devaneio pelo exótico. Os astros passam a incluir-se no campo do interesse excêntrico, indo

⁹ Nicolas Camille Flammarion (1842-1925), astrónomo francês, conhecido por ter tomado a Astronomia popular. Foi fundador da “Société Astronomique de France” em 1887.

¹⁰ William Frederick Allan (1860-1917), importante astrólogo britânico, é considerado o “pai da Astrologia moderna”.

¹¹ A Astrologia surge nas edições das *Mil e Uma Noites* como um saber ancestral e uma ciência entre as demais do *Quadrivium* medieval.

ao encontro do âmbito dos saberes perdidos, de um modo geral (como as culturas ancestrais e locais, os mitos, a etnografia). A organização do universo enquanto composição torna-se tema de relevo.

O próprio Dr. Mardrus, enquanto tradutor de textos orientais da Antiguidade, nomeadamente os de teor iniciático esotérico como o *Livro dos Mortos do Antigo Egipto* (ao qual deu o título *Toute Puissance de l'Adepté*), não pôde deixar de realçar a importância dos astros na composição harmónica universal ("les sons mystiques [...] devront être en concordance parfaite avec la mélodie des sphères, avec le chant harmoniques des Stations Astrales" – Mardrus, 1932: 41), ou em *La Reine de Saba*, quando descreve os rituais nupciais de Salomon e Balkis, afirma que é o amor que faz mover as esferas: "Sache que c'est la loi d'amour qui fait tourner les sphères, et fait ainsi graviter l'amour dans l'espace" (Mardrus, 1918: 140).

Nas *Mil e Uma Noites*, os astros começam por espelhar a ordem cósmica na beleza, à semelhança da representação platónica da harmonia. Os astros abundam na redundância das hipérboles e é quase regra a beleza ser comparada à Lua, ao Sol ou às estrelas. É o caso da descrição de crianças belas como no conto "Histoire de la docte sympathie" ("l'épouse du marchand accoucha heureusement d'un enfant mâle si beau qu'il était comme un morceau de lune" – vol. VI: 11), da escrava branca do conto "L'étrange khalifat" ("une jeune esclave blanche, au visage brillant comme le soleil" – vol. VII: 254), ou da adolescente

do conto "Le khalifat dans la corbeille" ("une adolescente qui aurait rendu jalouses toutes les étoiles" – vol. VII: 208), ou de nomes próprios de personagens, como as jovens do conto "Histoire des six adolescentes" ("L'adolescente, blanche s'appelait Visage-de-Lune; [...] la grasse Pleine-Lune; [...] la blonde, Soleil-du-Jour" – vol. VI: 272), ou os próprios nomes árabes que remetem para os astros (Schamsa – vol. VII: 143).

Na "Histoire du deuxième Saalouk" contida na "Histoire du portefaix – Les jeunes filles" (vol. I: 93-234), conta-se a história de como um "liseur des astres" descreve um jovem encantado, cuja esbelteza fora dada pelos planetas (Zohal – Saturno, Mirikh – Marte, Houtared – Mercúrio): a sua cabeleira negra alada, concedida por Saturno, assemelhando-se a um cometa, os olhos como Marte, com as suas flechas de arqueiro das sete estrelas, e Mercúrio, com a sua sagacidade.

As personagens assumem uma representação mimética dos astros, tanto do ponto de vista físico como psíquico, já que estes influenciam o carácter. São moldadas à imagem dos astros sem, no entanto, os poderem contornar. Daí que surjam astrónomos e astrólogos como mediadores entre o mundo representado e os astros, manipulando não o que "está escrito", porque essa é a escrita de Deus, mas sim o tempo, antecipando a visão dessa escrita através da adivinhação.

Não é clara, nas *Mil e Uma Noites*, a distinção entre Astronomia e Astrologia. Tudo cabe num campo indistinto da ciência que

oscila entre o saber e a adivinhação, entre os livros e as tábuas de areia onde se desenha a sorte, entre a Fortuna traçada nos astros e a interpretação duvidosa dos mágicos. Estes, por sua vez, são personagens multímodas cuja versatilidade é confusa: mágicos, curandeiros, astrólogos, médicos, sábios e bruxos. Trata-se de uma ocupação que se diz “de grande ciência”, mas que não é especializada.

Na “Histoire du portefaix – Les jeunes filles” (vol. I: 93-234), o narrador da história apresenta-se como conhecedor da “science des astres”. Os sábios são aqueles que lêem o destino nos astros (“les savants, qui avaient lu mon sort dans les astres” – vol. I: 179), tendo adivinhado a morte do protagonista às mãos de um rei. Mas o mesmo conto revela como a ciência dos astros pode ser ilusória. A narração do segundo Saalouk atesta que os que estudam os astros podem enganar-se: “Comment les hommes qui lisent dans les astres peuvent-ils se tromper autant que cela!” (vol. I: 180).

Dada a ambiguidade entre conceitos, também não se distingue o limite entre a verdade e a mentira, no caso de as personagens acreditarem no que lhes é transmitido, ou entre a ficção e a realidade, quando estas fazem crer que assumem o discurso como verosímil. Por esta razão é que a ciência dos astros carece do conhecimento do funcionamento do Universo, apenas reservado aos sábios, que nem sempre se identificam exatamente como astrónomos ou astrólogos.

Na “Histoire magique du cheval d'ébène” (vol. VIII: 67-129), em que a princesa Schamsennahar enlouquece de desgosto na sequência de uma série de raptos que a afastam de Kamaralakmar, filho do sultão persa Sabour, ajudado pelo persa Ajami, um sábio de muitas valências (perito na arte de curar e que também salva a princesa – a qual já tinha sido assistida por médicos e astrólogos, mas sem resultado – apenas com a esperança de ver o amado), verificamos que a arte dos astrólogos é vista como a grande ciência, reservada a especialistas que pertencem a uma dada estirpe social com que se identificam pela postura e hábitos. Os astrólogos possuem livros, dominam palavras secretas e usam vestuário típico: mangas longas, turbante com muitas voltas e rosário de contas grossas ao pescoço, olhos pintados com *kohl*, livros debaixo do braço. No entanto, o sábio deste conto assume-se como alguém que não se identifica com os astrólogos comuns, sugerindo que não precisa de artifícios mágicos:

Et je fais tout cela sans l'accoutrement ordinaire des astrologues et des savants: sans élargir mon turban ni en augmenter le nombre de tours, sans allonger mes manches, sans tenir sous mon bras un gros paquet de livres, sans me noircir les paupières de kohl noir, sans porter au cou un immense chapelet aux gros grains par milliers; et je guéris mes malades sans marmonner des paroles en un langage mystérieux, sans leur souffler au visage et sans leur mordre le lobe de l'oreille! (vol. VIII: 120)

A ciência dos astros consiste, pois, numa manipulação. Isto porque os astros determinam o futuro através do conhecimento do passado. O tempo é manipulado em função de um fator diferenciador, mágico, que pretende controlar essa ordem temporal que se situa num plano inequivocamente superior.

Uma dessas formas de manipulação (ou controlo) consiste na predição dos factos à nascença, um pouco à semelhança das fadas-madrinhas dos textos medievais¹². A "Histoire de la reine Yamlika, princesse souterraine" (vol. VII: 83-157) conta como Hassib, ao nascer, é visitado por astrólogos que fazem cálculos e observam os astros, traçam o seu horóscopo e dizem que o menino viverá muitos anos, mas será exposto a um perigo e, se escapar, atingirá um grande grau de sabedoria e riqueza (vol. VII: 85). O rapaz não aprende nada na escola, nem na profissão, nem no amor, até à idade adulta. Depois irá passar por uma iniciação no reino subterrâneo da princesa Yamlika, uma fada-moura, onde esta lhe conta a história do príncipe Beloukia, que consultara o sábio Offan para chegar ao seu reino: "Or, le sage Offan était un vénérable vieillard qui avait approfondi toutes les sciences connues et possédait les mystères de la magie, les clefs de l'astronomie et de la géométrie, et tous les arcanes de l'alchimie et de la sorcellerie" (vol. VII: 94).

Outra das formas de manipulação do tempo baseia-se nas artes mágicas. Esta apropriação de conhecimento faz relacionar a

¹² Embora aqui os astrólogos não concedam um dom, dão os sinais para que se possa obtê-lo mais tarde.

Astrologia com outras ciências, designadamente a medicina. Na "Histoire du Bossu avec le Tailleur" (vol. II: 7-196), mais propriamente no "Récit du Tailleur" e, dentro deste, na "Histoire du jeune homme boiteux avec le barbier de Bagdad", os astros são símbolo do Absoluto e da Ordem Universal. São considerados uma bênção e a prova do conhecimento de todas as coisas, atestando a veracidade da palavra do barbeiro astrólogo (que no fim se vem a saber que era um vigarista). Este apresenta-se como conhecedor dos astros, mas também das outras ciências que, aliás, compunham o *Trivium* e o *Quadrivium* medievais:

En effet, quoique je suis le barbier le plus réputé de Baghdad, outre l'art de la médecine, des plantes et des médicaments, je connais admirablement la science des astres, les règles de notre langue, l'art des strophes et des vers, l'éloquence, la science des nombres, la géométrie, l'algèbre, la philosophie, architecture, l'histoire et les traditions de tous les peuples de la terre. (vol. II: 97).

É, portanto, a ciência dos astros que valida a medicina e não o contrário. Os conhecimentos médicos são medidos pelas estrelas. A melhor altura para colher sangue era verificada pela observação estelar. É neste contexto que o barbeiro vai dar assistência a um homem gravemente doente por estar apaixonado por uma jovem mulher: "Alors je pris mon astrolabe, je mesurai la hauteur du soleil, j'examinai attentivement les calculs et je découvris que l'heure était néfaste et que l'action de tirer le sang était ce jour-là fort difficile" (vol. II: 100).

Da mesma forma, na "Histoire de Kamaralzaman avec la Princesse Boudour" (vol. V: 7-149), Kamaralzaman, ao chegar ao palácio da princesa Sett Boudour, que se encontrava doente ("Je suis l'astrologue notoire, le magicien digne de mémoire" – vol. V: p. 79), pede que lhe abram a porta, apresentando-se como astrólogo, curando a princesa ("Ce jeune astrologue est le plus savant de tous les astrologues. Il vient de guérir ta fille sans même la voir, en se tenant derrière le rideau, sans plus!" – vol. V: p. 84).

Outro conto é a "Histoire du jeune homme jaune" (vol. IX: 117-152). Aqui, Haroun Al-Rachid sai com os seus vizires e poetas numa noite de insónia e vai numa barca em busca de lugares desconhecidos. Ouvem uma bela voz cantar de uma janela. Pedem acolhimento na casa cujo anfitrião, Aboul-Hassan, tinha o rosto amarelo da cor do açafão. São bem acolhidos e pedem para ouvir a jovem, chamada Sett Jamila. O seu canto era maravilhoso, mas triste. Mas Haroun Al-Rachid diz que pretende saber a origem do rosto amarelo do seu anfitrião. Este conta-lhe que, fixando-se em Bagdad, ficara em casa de um ancião, o *cheikh* Taher Aboul-Ola, que se fazia rodear de belas jovens. Elas dividiam-se em grupos segundo o que cobravam por noite. Assim, o jovem começou pelas mais baratas, ficando um mês com cada uma (dez *dinars* por noite), passando depois para as jovens de vinte *dinars*. Num aposento destas, viu uma bela cristã do país dos Francos, que tinha uma bela voz. O ancião convidou-o para a "Nuit des Visions des Splendides". O jovem fica a saber que a jovem que deseja é a própria filha do *cheikh* e ficar

com ela custava quinhentos dinars de ouro, num total de cento e cinquenta para um mês, até não lhe restar senão um dinar. Teve de partir para Baçorá, na miséria. Fez-se comerciante para voltar a ganhar o dinheiro de que precisava para voltar à sua amada. Um dia, entra um comprador na sua loja que lhe conta a história da bela filha do rei da Índia, a qual sofre de dores de cabeça, apenas sendo curada com o amuleto de tartaruga pelo sábio Saadallah da Babilónia, que consultou os astros para ver como curá-la:

Et le sage de Babylone employa sept mois entiers à consulter les astres, et fini, au bout de ces sept mois, par choisir un jour faste pour tracer sur le morceau d'écaille ces caractères talismaniques pleins de mystère que tu vois sur les deux faces de cette amulette que tu m'as vendue! (vol. IX: 144-145).

A Astrologia surge ligada à operacionalização da pseudo-medicina: é o mundo que determina como se põe em prática a ciência "médica". É a observação dos astros que prevalece. Conhecer os astros é o domínio científico que sustenta qualquer conhecimento, já que tudo o que se passa na Terra é espelhado no Universo.

Porém, há que notar que estas personagens pseudo-sábias, não sendo especializadas em nada, convocam todas as ciências para conferir credibilidade umas às outras mas, na verdade, são impostoras. Quanto mais as ciências carecem da validação de outras, mais autoridade o sábio reivindica, mas menos o saber é verdadeiro.

Deste modo, dominar a ciência dos astros muitas vezes pressupõe outra variante da manipulação do tempo, desta vez futuro, sob a forma de adivinhação. Uma história interessante sobre a Astrologia como adivinhação surge em "Dalila-la-rouée" (vol. VIII: 131-263). Um judeu "maldito", Azaria, dito "mágico", que habitava um palácio apenas visível quando ele lá estava, mostra a sorte a Ali Vif-Argent, tomando uma tábua de areia divinatória e, depois de lançar o horóscopo de Ali, mostrando a sua fortuna, tenta dissuadi-lo da sua aventura de levar o vestido de ouro, a coroa, o cinturão e a chinela de ouro da sua filha Kamaria para a amada de Ali, Zeinab, filha de Dalila (vol. VIII: 246-247). Primeiro a adivinhação vem de um judeu, personagem sempre mal vista nas *Mil e Uma Noites*, vil, mal intencionada e pouco credível. Segundo, o horóscopo é uma forma de ludíbrio com base na autoridade: os astros são invocados enquanto uma personagem tenta enganar outra.

Apesar de a manipulação levada a cabo pelos sábios, que reivindicam o conhecimento dos astros, o domínio do saber é sempre superado por outra personagem que lhes tira o lugar: a mulher. Astrólogos, astrónomos e sábios dos astros são sempre ultrapassados pelo conhecimento feminino e, segundo a lógica dos contos das *Mil e Uma Noites*, a mulher leva sempre a melhor.

Vejamos um caso em que a mulher manipula a verdade, enganando o astrólogo. No conto "La malice des épouses" (vol. XIII: 237-267), uma história contada por um vendedor de

legumes, havia um homem que era astrónomo de profissão e sabia ler os rostos e adivinhar os pensamentos pela fisionomia. Tinha uma jovem mulher que se vangloriava a toda a hora das suas virtudes de pureza. O astrónomo acreditava nela e dizia a toda a gente as virtudes da sua mulher. Até que lhe disseram que ele estava enganado, pois a mulher não passava de uma prostituta. O astrónomo fingiu ir-se embora durante uns dias (já que, segundo o texto, os sábios e os astrónomos em particular não seguem os hábitos das outras pessoas), ficando porém a observar o comportamento da esposa. Esta recebeu em casa, sucessivamente, um vendedor de canas de açúcar (que lhe trouxe uma cana), um vendedor de aves (que lhe trouxe um galo) e o mestre dos burros do quarteirão (que lhe trouxe uma banana). O astrónomo morreu antes que a jovem comesse a banana e a jovem acabou com o chefe dos burros.

A ciência passa pela adivinhação e o interior é avaliado pelo exterior. Há uma transposição da imagem para o conceito, do rosto para a mente e para a verdade. Mas esta ciência prova-se errónea. Não só a observação da fisionomia não leva ao conhecimento do pensamento, como o facto de ser astrólogo não confere autoridade. Este era mais enganado do que nenhum outro. E enganado por uma mulher, não por ficção, como fez Sheherazade, mas por mentira. E, nesta medida, aquele que era dono da ciência dos astros podia mais facilmente ser enganado do que o próprio sultão.

Um segundo exemplo, e o mais acabado no que diz respeito à teorização da ciência dos astros nas *Mil e Uma Noites*, é o conto "Histoire de la docte sympathie" (vol. VI: 11-64), que prova como a sabedoria da mulher é superior à de um astrônomo. A bela escrava, Sympathie, que propõe a Haroun Al-Rachid pagar uma avultosa quantia que permitisse ao senhor, Aboul-Hassan, pagar as suas dívidas, entra num jogo de perguntas de vários sábios, em que ela prova ser superior, ao colocar-lhes uma questão à qual não sabem responder, para lhes ficar com os mantos. Neste conto é apresentada uma problematização da ciência dos astros. Um astrônomo, um venerável *cheikh*, interroga primeiramente Sympathie sobre o lugar onde nasce e se põe o Sol. Depois questiona-a acerca das boas e más influências dos astros. Ela responde corretamente e começa por mencionar os sete planetas da Astrologia clássica, referindo as suas características e as suas dignidades essenciais¹³ (regência, detrimento, exaltação e queda):

Outre le soleil et la lune, il y a cinq autres planètes qui sont: Outared [Mercure], El-Zohrat [Vénus], El-Merrikh [Mars] El-Mouschtari [Jupiter] et Zôhal [Saturne]. La Lune, froide et humide, de bonne influence, a pour séjour le Cancer, pour apogée le Taureau, pour inclinaison le Scorpion, et pour périégée le Capricorne. La planète Saturne, froide et sèche, d'influence maligne, a pour séjour le Capricorne

et le Verseau, son apogée est la Balance, son inclinaison le Bélier, et son périégée le Capricorne et le Lion. Jupiter, d'influence bénigne, est chaud et humide et a pour séjour le Poisson et le Collier, pour apogée le Cancer, pour inclinaison le Capricorne, et pour périégée les Gémeaux et le Lion. Vénus, tempérée, d'influence bénigne, a pour séjour le Taureau, pour apogée les Poissons, pour inclinaison la Balance et pour périégée le Bélier et le Scorpion. Mercure, d'influence tantôt bénigne tantôt maligne, a pour séjour les Gémeaux, pour apogée la Vierge; pour inclinaison les Poissons, pour périégée le Taureau. Mars enfin, chaud et humide, d'influence maligne, a pour séjour le Bélier, pour apogée le Capricorne, pour inclinaison le Cancer et pour périégée la Balance. (vol. VI: 48)

O astrônomo faz perguntas que se relacionam com a adivinhação, próprias da arte astrológica. Pergunta-lhe se sabe se vai chover. E, quase incapaz de responder, Sympathie acaba por dizer que há cinco coisas que só Deus sabe: "l'heure de la mort, la tombée de la pluie, le sexe de l'enfant dans le sein de sa mère, les événements du lendemain et l'endroit où chacun devra mourir!" (vol. VI: 49).

Sem conseguir ultrapassá-la, o astrônomo pergunta-lhe a influência dos astros nos dias da semana. Aqui ela responde com grande conhecimento e interpretação simbólica acerca dos mesmos:

¹³ As dignidades essenciais dizem respeito à força ou fraqueza de um planeta relativamente à sua posição astrológica.

Elle répondit: 'Le dimanche est le jour consacré au soleil. [...] Le lundi est jour consacré à la lune. [...] Le mardi, jour consacré à Mars, peut commencer l'année. [...] Le mercredi est le jour de Mercure. [...] Le jeudi est le jour consacré à Jupiter. [...] Le vendredi est le jour consacré à Vénus. [...] Le samedi enfin est le jour de Saturne (vol. VI: 49-50).

Posto isto, o astrónomo pergunta o ponto do céu onde estão suspensos os planetas, ao que ela responde sabiamente com a posição dos céus:

Sympathie répondit:

Certainement! La planète Saturne est suspendue exactement au septième ciel; Jupiter est suspendu au sixième ciel; Mars au cinquième; le Soleil au quatrième; Vénus au troisième; Mercure au second; et la Lune au premier ciel! (vol. VI: 51).

Depois de responder corretamente, foi a vez de Sympathie interrogar. Quis saber quais eram os três tipos de estrelas. Mas o astrónomo não soube responder e Sympathie ficou-lhe com o manto¹⁴. A jovem assume o lugar do astrónomo, o "outro" que elimina e cuja sabedoria incorpora. O conhecimento daquele

¹⁴ Eis a resposta da jovem: "Les étoiles sont divisées en trois classes suivant leur destination: les unes sont suspendues à la voûte céleste, comme des flambeaux, et servent à éclairer la terre; les autres sont situées dans l'air, par une suspension invisible, et servent à éclairer les mers; et les étoiles de la troisième catégorie sont mobiles à volonté entre les doigts d'Allah: on les voit filer pendant la nuit, et elles servent alors à lapider et punir les démons qui veulent enfreindre les ordres du Très-Haut!" (vol. VI: 52).

que reivindica manipular os astros, sendo do âmbito destes a ciência maior, é subjugado à inteligência da mulher, que atesta o domínio sobre o homem.

Verificamos, pois, que a Astronomia, não distinta da Astrologia nos contos das *Mil e Uma Noites*, surge em muitas das histórias indissociada dos seus protagonistas, astrónomos e astrólogos, que exercem diferentes funções nos textos, principalmente a mediadora, enquanto "leitores" de uma realidade vedada aos comuns, quer interpretando os fenómenos através de exercícios divinatórios, quer assumindo a função de conselheiros em diversas situações. A chamada "ciência dos astros" é apanágio dos sábios e iniciados, envolta numa simbologia ligada à vida, ao conhecimento e ao destino.

É notório que nestes contos há uma responsabilidade acrescida das personagens: os astros são determinados por Deus, mas o uso que as personagens fazem da ciência é da sua autoria. É da sua mediação que nasce, ou não, a credibilidade da ciência e é por seu intermédio que as ações têm lugar. Porém, os astros definem o percurso, as condições, mas não sentenciam o fim. Este vai depender das ações das personagens e do uso que fizerem do conhecimento. E pode haver ciência e iniciação em qualquer área, mas a mulher consegue sempre sobrepor-se a quem julgar ter domínio sobre o conhecimento. Porque é ela que põe os pretensiosos no seu lugar demonstra que os homens podem aprender a ciência, mas Deus é sempre mais sábio ("mais Allah est plus savant!").

Bibliografia

Fontes:

La Reine de Saba – selon le texte et la traduction du Dr. J. – C. Mardrus (ed de Joseph-Charles Mardrus), Paris: Librairie Charpentier et Fasquelle, 1918.

Le Livre des Mille Nuits et Une Nuit – traduction littérale et complète du texte arabe par le Dr. J. C. Mardrus, Paris: Éditions de La Revue Blanche / Librairie Charpentier et Fasquelle, 1899-1904 (16 vols.).

Toute Puissance de l'Adepté. Transcription des Hauts textes initiatiques de l'Égypte. Le Livre de la Vérité de Parole (ed de Joseph-Charles Mardrus), Paris: Bibliothèque Eudaique, 1932.

Estudos:

Carvalho, Helena Avelar de, *Vir sapiens dominabitur astris: astrological knowledge and practice at the Portuguese royal court (King João I to King Afonso V)*, Lisboa: FCSH-UNL, 2011.

Chebel, Malek, *L'Imaginaire Arabo-Musulman*, Paris: PUF, 1993.

Chebel, Malek, *La Féminisation du Monde: essai sur les Mille et une Nuits*, Paris: Payot, 1996.

Chora, Ana Margarida, "As Mil e Uma Noites e o Orientalismo – o nascimento de uma tendência literária", in *As Chinelas de Abu-Casem / Bocage* (ed. e estudo de Ana Margarida Chora e Daniel Pires), Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2016, p. 29-43.

Defrance, Anne, "La réfraction des sciences dans le conte de fées", *Féeries*, n.º 6, 2009, p. 63-86.

Duhem, Pierre, *Le Système du Monde: histoire des doctrines cosmologiques – de Platon a Copernic*, Paris: Hermann, 1974 (10 vols.).

Godinho, Helder, "O conto como mediação" in *Em Louvor da Linguagem. Homenagem a Maria Leonor Carvalhão Buescu*, Lisboa: Colibri, 2003, p. 121-125.

Paulvé, Dominique e Chesnais, Marion, *Les Mille et Une Nuits et les Enchantements du Docteur Mardrus*, Paris: Éditions Norma, 2004.

Said, Edward W., *Orientalism*, London: Penguin, 2003.